



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19.i1.8660399>

Relato de Experiência

Professor de Educação Física (escolar) intelectual transformador: resistências ao modelo gerencialista e neoconservador da educação de mercado

Transforming intellectual (school) Physical Education teacher: resistance to the managerialist and neoconservative model of market education

Profesor de Educación Física (escolar) intelectual transformadora: resistencia al modelo directivo y neoconservador de la educación de mercado

Márcio Cardoso Coelho¹ 

Daniel Teixeira Maldonado² 

Fabiano Bossle¹ 

RESUMO

Objetivo: O objetivo desse ensaio foi discutir a potencialidade da prática educativa intelectual e transformadora em tempos de educação neoliberal e do avanço dos movimentos neoconservadores no território brasileiro. **Método:** Nosso material para análise crítica, além da conjuntura econômica, política, social, é a narrativa de duas experiências político-pedagógicas de aulas de Educação Física construídas em Porto Alegre e São Paulo e que foram problematizadas com essa intencionalidade. **Resultados:** A nossa defesa é que um professor intelectual busca a transformação social, pensa em todas as suas ações educativas para fazer resistência ao sistema econômico imposto no seu cotidiano, compreende que é apenas o trabalho coletivo que pode modificar a realidade injusta instalada na sociedade contemporânea e assume a responsabilidade em organizar projetos educativos que dialogam com uma escola pública democrática. **Considerações Finais:** Os professores de Educação Física em seus respectivos contextos resistiram contra a cultura dominante.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Prática docente. Educação Física Escolar.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre – RS, Brasil.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Departamento de Humanidades, Campus de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil.

Correspondência:

Daniel Teixeira Maldonado, IFSP, Rua Cândido Vale, 272, São Paulo-SP, CEP 03068-010. Email: danielmaldonado@yahoo.com.br



ABSTRACT

Objective: The purpose of this essay was to discuss the potential of intellectual and transformative educational practice in times of neoliberal education and the advancement of neoconservative movements in Brazilian territory. **Method:** Our material for critical analysis, in addition to the economic, political, social context, is the narrative of two political-pedagogical experiences of Physical Education classes built in Porto Alegre and São Paulo and which were problematized with this intentionality. **Results:** Our defense is that an intellectual teacher seeks social transformation, thinks about all his educational actions to resist the economic system imposed on his daily life, understands that it is only collective work that can modify the unfair reality installed in contemporary society and assumes the responsibility for organizing educational projects that dialogue with a democratic public school. **Final Considerations:** Physical Education teachers in their respective contexts were against the dominant culture.

Keywords: Neoliberalism. Teaching practice. School Physical Education.

RESUMEN

Objetivo: El propósito de este ensayo fue discutir el potencial de la práctica educativa intelectual y transformadora en tiempos de la educación neoliberal y el avance de los movimientos neoconservadores en el territorio brasileño. **Método:** Nuestro material para el análisis crítico, además del contexto económico, político y social, es la narración de dos experiencias político-pedagógicas de las clases de Educación Física construidas en Porto Alegre y São Paulo y que fueron problematizadas con esta intencionalidad. **Resultados:** Nuestra defensa es que un maestro intelectual busca la transformación social, piensa en todas sus acciones educativas para resistir el sistema económico impuesto en su vida cotidiana, entiende que solo el trabajo colectivo puede modificar la realidad injusta instalada en la sociedad contemporánea y asume la responsabilidad de organizar proyectos educativos que dialoguen con una escuela pública democrática. **Consideraciones finales:** Los profesores de Educación Física en sus respectivos contextos estaban en contra de la cultura dominante.

Palabras Clave: Neoliberalismo. Práctica Docente. Educación Física Escolar.

INTRODUÇÃO

O cenário da trama neoliberal e de seus atravessamentos na educação brasileira remete à necessária interpretação de que há um processo histórico que empreende esforços para sua elitização e privatização. Não obstante às lutas empreendidas em defesa da educação pública no Brasil por Anísio Teixeira (1996), Florestan Fernandes (1966) e Paulo Freire (2001), entre tantos outros, os movimentos realizados pelos grupos defensores das ideologias neoliberais, neoconservadoras e neocolonialistas de educação parecem seguir firmes no propósito de um projeto nefasto e desumano de sociedade (BOSSLE, 2018).

Nesse cenário, entendemos que a função do professor é ser um intelectual transformador na escola, que realiza a “leitura de mundo” (FREIRE, 1992) de uma versão da realidade, da hegemonia neoliberal produzida pelo campo das políticas públicas nos últimos anos. Tendo apresentado brevemente a conjuntura que constitui o cenário, apresentamos a seguinte questão suleadora³ para a constituição desse ensaio: Como as experiências pedagógicas de dois professores de Educação Física potencializam as possibilidades para uma prática educativa intelectual e transformadora em tempos de educação neoliberal e do avanço dos movimentos neoconservadores no território brasileiro?

Constituindo a escola pública e a Educação Física escolar como nosso lugar de fala (RIBEIRO, 2017), mostraremos fragmentos do trabalho que realizamos no “chão da escola” na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA) e no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), em que tentamos, através do reposicionamento (APPLE, 2011) e da reflexividade, problematizar a realidade que nos é cotidiana, nos constituindo como professores intelectuais transformadores.

Em um primeiro momento, explicaremos os projetos educativos da escola cidadã e dos Institutos Federais, que foram implementados nas escolas municipais de Porto Alegre durante a década de 1990 e nas unidades escolares federais (a partir de 2008).

Após analisar a essência transformadora dessas políticas públicas educativas e a tentativa de destruição desses projetos pelo modelo gerencialista e neoconservador que toma conta da educação brasileira, apresentaremos experiências político-pedagógicas produzidas nas aulas de Educação Física em

³ O termo “sulear” tem sido utilizado, de modo explícito, por Freire no livro *Pedagogia da esperança* (1994, p. 218-219), lembrando que a palavra não consta dos dicionários da língua portuguesa. Chama a atenção dos leitores para a conotação ideológica do termo “nortear”. Ao analisar o Brasil e a América Latina, no contexto dos anos 1960, asseverou que era necessário assumir a herança colonial que carregamos até hoje, como condição para podermos superá-la. Sulear significa, portanto, construir paradigmas alternativos que reflitam a complexa realidade que temos e vivemos. Não significa, porém, uma visão dualista ou maniqueísta, como se “Norte” e “Sul” fosse uma mera questão geográfica. O “Sul” está também no “Norte” e este encontra-se igualmente no primeiro (ADAMS, 2018).

duas escolas das respectivas redes de ensino, com a intencionalidade de refletir sobre a forma pela qual essas ações didáticas buscam a formação crítica dos estudantes, a partir do movimento de resistência produzido pelo encontro dos docentes com seus alunos e alunas no cotidiano escolar.

O PROJETO “ESCOLA CIDADÃ”: UM LÓCUS DE CRITICIDADE, PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA E OPOSIÇÃO À CONCEPÇÃO NEOLIBERAL DE EDUCAÇÃO “NASCIDA E CRIADA” EM PORTO ALEGRE

O projeto “escola cidadã” caracterizou-se como uma das mais importantes experiências de educação popular de cunho democrático e participativo realizados no âmbito educativo, não só brasileiro como mundial. Dito isto, pode-se ter uma noção do que foi construído na educação pública municipal de Porto Alegre no início dos anos de 1990. Um projeto de educação pública, voltado para “democratização do ensino, da gestão e do acesso à escola” (AGUIAR; SANTOS, 2018). Concebido no âmbito da administração popular⁴, o projeto escola cidadã, tinha os preceitos da pedagogia crítica de inspiração freireana como marco teórico, buscando a “desmistificação da realidade” (FREIRE, 1997, p. 51), das comunidades em que as escolas estavam situadas.

Um projeto inovador e de vanguarda, que partia da realidade da comunidade escolar, através de uma pesquisa socioantropológica, para a posterior criação de um complexo temático (PISTRAK, 2011), redefinindo assim o “conhecimento oficial” (GANDIN, 2011) e buscando uma organização curricular e escolar que atendesse às necessidades dos “grupos historicamente oprimidos e excluídos” (GANDIN, 2011, p. 384). Uma concepção de educação libertadora que procurava formar ao invés de treinar (FREIRE, 2019), que era uma justa contraposição às políticas neoliberais e empreendedoras de mercado que marcam a concepção educacional hegemônica atual. Na esteira de um momento progressista e de educação crítica, a cidade de Porto Alegre vivia um novo conceito em sua administração pública e esse novo conceito, pautado pela radicalização da participação popular e democrática, fez do projeto escola cidadã, referência mundial em experiência concreta de educação popular.

Ao término das gestões da administração popular, Porto Alegre passa a ser governada por uma coalizão partidária de centro-direita, a partir de 2005, e os reflexos dessa nova forma de pensar a administração pública, são sentidas também na educação.

⁴ A administração popular foi uma coalizão de partidos políticos de esquerda, liderada pelo partido dos trabalhadores (PT), que venceu quatro pleitos eleitorais consecutivamente, governando Porto Alegre de 1989 até 2004.

Durante a administração popular, uma série de mudanças na rede municipal de ensino de Porto Alegre foram efetuadas. Estruturalmente as escolas e a própria rede de ensino tiveram que ser ampliadas e modificadas para atender às propostas do projeto em sua integralidade. Foram criados setores dentro das escolas, como a SIR (Sala de Integração e Recursos) para atender alunos com deficiência e o laboratório de aprendizagem para dar conta de possíveis dificuldades de aprendizagem. Os recursos humanos foram ampliados para suprir toda essa estrutura, pois a organização curricular do projeto previa uma carga horária equânime entre os diversos componentes curriculares. Outra importante inovação na configuração curricular, foi a substituição do regime seriado, pelos ciclos de formação, que correspondem aos ciclos cronológicos da vida dos discentes “com o objetivo de respeitar os diferentes tempos e formas de aprendizagens dos estudantes” (COELHO, 2019, p. 183). Os ciclos estão assim organizados: Ciclo A (seis anos até oito anos e onze meses), ciclo B (nove anos até onze anos e onze meses) e ciclo C (doze anos até quatorze anos e onze meses). Cada ciclo, é composto por três anos ciclo, perfazendo os nove anos do ensino fundamental.

A partir de 2005, essa concepção de educação como investimento, passou a ter seus “custos” reduzidos e questionados. Segundo a nova administração, em uma concepção gerencialista (AGUIAR; SANTOS, 2018), deveriam ser “melhor” avaliados e passou-se a pensar não em aprendizagem, mas em eficiência e eficácia. Mesmo sem ter alterado a proposta educacional do projeto escola cidadã, de forma oficial, as administrações públicas de Porto Alegre que se sucedem desde 2005, vem implementando cada vez mais a “educação empreendedora de mercado”, que caracteriza-se como a busca pela “Educação S/A” (BOSSLE, 2019), na RMEPOA, em que a concepção privatista de uma educação não estatal e de acesso restrito, desconstrói o princípio de justiça social no campo educacional. Medidas como a redução do RH, do corte dos projetos extracurriculares, da estrutura de trabalho interdisciplinar e coletivo, da própria rotina escolar, são algumas das atitudes que vem tentando mesmo que de forma “não oficial”, implodir a proposta do projeto “escola cidadã”.

Nenhuma das gestões municipais que sucederam a administração popular, desconstruiu tanto e em tão pouco tempo o projeto “escola cidadã”, quanto a gestão municipal (2017-2020). Com uma concepção neoliberal, buscando eficiência e eficácia em todos os setores da administração pública, desconsidera a realidade que emerge das comunidades e implanta uma forma de pensar a educação baseada em indicadores de avaliações externas, individualiza cada vez mais o trabalho, tem uma visão meritocrática do trabalho docente, priorizou a redução de recursos ao investimento, não traçou um plano de ação pedagógico para a rede municipal de ensino, buscando incessantemente parcerias público-privadas para gerir o trabalho pedagógico, ao invés de utilizar o quadro docente municipal extremamente qualificado, que conta com inúmeros mestres e doutores, nas mais diferentes áreas do conhecimento, proletarizou o trabalho dos

professores, acabou com as formações continuadas, reuniões pedagógicas e desmantelou o trabalho coletivo.

Enfim, utilizou-se do ideário neoliberal pautado no rígido controle gerencial para implementar mudanças estruturais no trabalho até então realizado na RMEPOA. A gestão democrática, um dos pilares do projeto “escola cidadã”, é paulatinamente substituída por uma “verticalização de gestão” (AGUIAR; SANTOS, 2018), em que o diretor de escola é central no processo, acumulando total responsabilidade no desempenho escolar, mesmo que por vezes a mantenedora não ofereça as condições ideais de estrutura e trabalho para as escolas. Assim sendo, pouco a pouco a cidade que mostrou ao mundo um dos mais ousados projetos de educação crítica, participativa, democrática e popular, vai sucumbindo ao “*establishment*”, hegemônico da educação empreendedora de mercado, que reduz o trabalho dos seus professores ao de “técnico” especializado dentro da burocracia escolar” (GIROUX, 1997, p. 172), desconstituindo assim, a intelectualidade docente, que deveria constituir a base de sua atuação profissional, ou seja, o professor como um intelectual transformador.

O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA CONDIÇÃO DE INTELLECTUAL TRANSFORMADOR: COMPROMISSO E RESISTÊNCIA AO MODELO DE EDUCAÇÃO S / A NA RMPOA

Após dez anos como professor da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, no ano de 2011, um de nós, é nomeado através de concurso público, para o cargo de professor de Educação Física da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Após dois anos e seis meses da realização do concurso, ingressou nessa rede de ensino com muitas expectativas profissionais. Uma formação permanente e continuada, o trabalho de caráter coletivo, uma remuneração justa e digna, o trabalho pautado pelos princípios da educação crítica e com as classes populares, todos estes aspectos tornam a futura carreira algo extremamente promissor. O trabalho de caráter coletivo e as formações continuadas em um primeiro momento chamam muito a atenção, às reuniões pedagógicas semanais, os projetos interdisciplinares, o contato com uma organização curricular diferenciada, os ciclos de formação e uma educação de cunho humanista também são características peculiares e que contribuem na formação profissional do professorado da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Ainda sobre a formação, tem habilitação plena para o magistério, tendo no ensino médio realizado o curso normal, e nos chamou a atenção, que a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental, têm suas aulas de Educação Física com o professor do componente curricular, criando um forte e importante vínculo de trabalho nessa etapa da escolarização. São poucas as redes de ensino público no estado do Rio Grande do Sul, que dão essa condição às suas escolas. Outro aspecto que chama a atenção foi a equidade de carga horária entre os componentes curriculares, a Educação Física assim como os

demais componentes, possuía uma carga horária de três períodos semanais em cada turma.

Infelizmente, aos poucos, essa realidade foi mudando, primeiramente a partir de 2016, os períodos da disciplina de Educação Física foram diminuídos de três períodos semanais por turma para dois períodos semanais, assim como a disciplina de Arte e Educação. E esse período de Educação Física e de Arte e Educação, se somaram aos componentes de Matemática e Língua Portuguesa que passaram a contar com quatro períodos semanais por turma. A justificativa foi de que esses são os componentes a serem avaliados externamente, para a obtenção de índices relacionados à avaliação da educação básica.

Mesmo com essa notória desvalorização da Educação Física escolar enquanto campo de conhecimento, o trabalho coletivo e interdisciplinar conseguia, por muitas vezes, fazer com que essa falta de carga horária não fosse notada de forma tão aparente. A problematização das temáticas, normalmente inseridas em projetos de trabalho (COELHO, 2019), davam à Educação Física escolar um protagonismo interessante, de poder apreender a cultura corporal no contexto do trabalho coletivo. Muitas práticas pedagógicas com esse cunho foram realizadas, sempre de forma interdisciplinar, tais como o projeto: "Brincadeiras do mundo", realizado no ano letivo de 2015, para o mês da consciência negra, em que partindo dos jogos e brincadeiras da cultura Africana, se discutiu a África, cultura e identidade negra nas relações da sociedade brasileira, o projeto "adote um escritor", trouxe as relações da Educação Física, com o corpo e a alfabetização, em um trabalho coletivo com a professora do primeiro ano do ensino fundamental. A partir de 2017, com a nova administração pública de Porto Alegre, de cunho totalmente neoliberal "as questões de caráter social e político ideológicas não fazem parte do horizonte de preocupações da prática educativa, neutra por essência" (FREIRE, 2019, p.71), e apenas preocupada com índices externos, eficiência e eficácia, meritocracia, individualismo e principalmente repensando a função do professor, que não é visto como um intelectual e sim como um técnico.

Para além de compreender esses fatores que (des) organizam o trabalho docente, os anos letivos de 2017 e 2018 foram de resistência a essa lógica, imposta à rede municipal de ensino de Porto Alegre, por sua administração pública recém iniciada. A inesperada mudança da rotina escolar, já no início do ano letivo de 2017, causou um transtorno enorme na organização escolar e curricular das escolas da RMEPOA, o turno que tinha quatro horas e meia de duração passou a ter quatro horas, sendo então, retirados 150 minutos semanais de aulas dos estudantes. A organização de trabalho coletivo dessa forma, ficou extremamente comprometida, pois as reuniões pedagógicas, por determinação da mantenedora (SMED/POA), deixaram de ocorrer. Mesmo com toda essa concepção gerencialista (AGUIAR; SANTOS, 2018), pautada pela educação empreendedora de mercado, tentando implantar na RMEPOA a malfadada Educação S/A (BOSSLE, 2019), continuamos resistindo e procurando problematizar a realidade do cotidiano de

nossas aulas, nos reposicionando (APPLE; AU; GANDIN, 2011), e adotando a reflexividade como forma de tomada de consciência sobre o que cerca nosso trabalho. Ainda assim, nos posicionando como intelectuais transformadores (GIROUX, 1997) em nossa escola, com nossas turmas e com nossos estudantes.

Nesse contexto, ainda no ano letivo de 2017, em um projeto interdisciplinar e coletivo de escola (COELHO, 2019), conseguimos problematizar as questões da comunidade da escola, e neste contexto surgiram debates dentro de um círculo de cultura, nas aulas de Educação Física, sobre as condições de esporte e lazer e de atenção básica à saúde na comunidade. Os debates no círculo de cultura, foram extremamente fiéis à realidade vivida pela comunidade em sua forma de lidar cotidianamente com estes dois aspectos da cultura e da cultura corporal, construindo um entendimento coletivo das formas como as políticas públicas podem se estabelecer nas vidas de moradores das periferias brasileiras. Pensando dessa forma e acreditando que o “ato de ensinar é uma atividade intelectual” (FISCHIMAN; SALES, 2010), continuamos problematizando de forma coletiva o trabalho docente e ainda nessa perspectiva, no ano letivo de 2019, realizamos na escola um projeto do mês da consciência negra, em que mais uma vez tivemos a oportunidade de problematizar conceitos referentes à identidade e cultura negra. Nesse aspecto, conseguimos problematizar questões estruturais da sociedade como o racismo no esporte, as manifestações da cultura corporal provenientes da cultura negra e muitas vezes tornadas subalternas, os jogos e brincadeiras da cultura africana que tem relação com jogos e brincadeiras da cultura brasileira, tornando os laços culturais mais evidentes.

Assim sendo, nos posicionamos de forma crítica e reflexiva buscando nos firmarmos como intelectuais transformadores com a formação dos estudantes de nossas escolas, resistindo à forma como as gestões neoliberais pensam a educação e o trabalho docente, não nos deixando abater pelas muitas mazelas impostas para que a educação pública tenha cada vez mais seu trabalho desconstruído e dificultado em nome do que o mercado financeiro e o capital entendem como educação, ou seja, a formação de mão de obra qualificada para retroalimentar todo esse sistema.

As raízes pedagógicas firmadas na cultura da RMEPOA, ainda estão fortemente vinculadas ao que se constituiu no projeto “escola cidadã”, entendemos que nesse aspecto se dá a resistência do professorado, onde aflora a intelectualidade que foi permitida e incentivada, principalmente no período de gestão da administração popular, em que muitas formações até mesmo de cunho internacional, foram proporcionadas à educação pública não apenas no âmbito municipal, mas trazendo para os debates também, a rede estadual e algumas escolas com trabalho de cunho progressista da rede privada. Já naquele momento se discutia os perigosos caminhos que a concepção neoliberal e de mercado queriam estabelecer na educação pública, assim sendo, acreditamos que a retomada da condição do professor como intelectual transformador com as

questões do trabalho docente e buscando a transformação social pela via crítica e de conscientização, pode tornar-se uma possibilidade de resistência e contraposição a concepção neoliberal de educação.

INSTITUTOS FEDERAIS E A PROPOSTA DE FORMAÇÃO HUMANA, CRÍTICA, REFLEXIVA E TRANSFORMADORA DA CLASSE TRABALHADORA

Iniciei a minha história no IFSP no ano de 2015. Ao passar no concurso e conhecer, com maior profundidade, a carreira docente e as condições de trabalho oferecidas por essa instituição de ensino, tinha certeza que poderia organizar a minha prática político-pedagógica de forma crítica, reflexiva e transformadora.

Depois de tomar posse no cargo público e começar o trabalho no campus São Paulo do IFSP, ministrava 12 aulas e tinha 30 horas semanais para planejar as ações didáticas, realizar reuniões institucionais e estudar. Além disso, fui contratado com dedicação exclusiva, um salário digno e condições de infraestrutura adequadas para desenvolver um projeto educativo como intelectual.

O projeto de educação formulado para os Institutos Federais no ano de 2008 foi organizado com a perspectiva de valorizar a pesquisa, o ensino e a extensão, a busca pela formação omnilateral do ser humano, com a expectativa que esse futuro trabalhador compreendesse o mundo do trabalho e as suas relações desiguais e a possibilidade de existir um corpo docente com formação sólida para oferecer um ensino de qualidade e inclusivo, a partir da integração curricular entre as áreas da formação geral e profissional.

Nesse contexto, a proposta de formação integrada no âmbito da educação profissional em nível médio foi pensada para que os alunos e alunas compreendessem os fundamentos que constituem o mundo do trabalho, se distanciando da ideia de que o processo educativo necessita treinar os futuros trabalhadores com técnicas que podem torná-los mais produtivos em um mundo com direitos cada vez mais precarizados (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

Todavia, essa realidade foi amplamente modificada, já que tempos de barbárie se intensificaram no solo brasileiro. Essa mudança tem início com o avanço dos agentes neoliberais, que instalaram um processo de crise e produziram um golpe jurídico-parlamentar contra o grupo que se encontrava no poder em âmbito federal. Nesse momento, diversificadas reformas foram aprovadas no congresso nacional, como a trabalhista, o teto de gastos e do ensino médio (CÁSSIO, 2019).

O que estava por trás desse processo de “modernização” era a diminuição dos direitos conquistados com muita luta e suor pela classe trabalhadora,

principalmente nas áreas de educação, saúde e nas relações de trabalho. No caso das políticas públicas educativas, a fatídica reforma do ensino médio intensificou as desigualdades educacionais no Brasil, produzindo a desvalorização das disciplinas relacionadas com as Ciências Humanas, Artes e Educação Física, já que os conhecimentos desses componentes curriculares não poderiam garantir que os jovens brasileiros conquistassem competências para adentrar ao mercado de trabalho.

Nessa conjuntura, todos os docentes tiveram que aumentar o número de aulas e, por consequência, diminuir o tempo dedicado ao planejamento de ensino, além de inviabilizar, cada vez mais, o envolvimento dos professores nas atividades de pesquisa e extensão, prejudicando a continuidade dos seus estudos.

Em 2019, quando a extrema-direita assume o poder no Brasil, o desmonte dos Institutos Federais se intensifica, pois esse grupo político passa a fazer propagandas na televisão e nas redes sociais contra a instituição, estimula que os estudantes denunciem os professores que estariam ministrando aulas de forma "ideológica" e diminui, cada vez mais, o orçamento anual para essas escolas, impedindo de forma efetiva a continuidade do projeto pensado no ano de 2008.

Em 2020 avança a agenda autoritária desse grupo político fascista na arena educativa, o qual defende a extinção de toda e qualquer possibilidade da realização de uma educação crítica e humana, que leve em consideração a realidade dos jovens brasileiros e suas lutas por transformação social. A organização do ensino em escolas cívico-militares, a desvalorização das Ciências Humanas, a efetivação da Base Nacional Comum Curricular, o processo de censura contra os professores e a normalização de um ensino voltado para a entrada dos jovens no mercado de trabalho, com péssimas condições, passam a ser os pontos defendidos na área da educação.

Portanto, é nesse contexto, que venho tateando a construção de uma prática político-pedagógica crítica nas aulas de Educação Física, que faz resistência a agenda educativa neoliberal, gerencialista e autoritária instalada em solos tupiniquins nos últimos anos.

SER INTELLECTUAL EM TEMPOS DE BARBÁRIE: RESISTÊNCIAS NA PRÁTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Durante esse tempo que leciono no IFSP, fui organizando a minha prática político-pedagógica nas aulas de Educação Física pensando em projetos educativos que conseguissem ampliar o pensamento crítico dos jovens.

Fui lapidando, ao longo do tempo, princípios ético-crítico-políticos que orientam minhas ações didáticas nas aulas do componente curricular no ensino médio (MALDONADO; NOGUEIRA, 2020). Dentre eles, se destacam a descolonização do currículo, onde a cultura das práticas corporais é problematizada, principalmente aquelas desvalorizadas pelo norte global, como os jogos e brincadeiras de matriz africana, lutas e danças muito realizadas no Brasil, ginásticas praticadas no continente asiático e esportes que possuem a sua história vinculada com a Europa, mas poucas pessoas os conhecem, principalmente no território brasileiro. Destaco, nesse ponto, que venho convidando representantes dessas práticas corporais para conversar com os alunos, na tentativa de apresentar os conhecimentos produzidos e disseminados por pessoas que realmente conhecem a realidade dessas danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Vivenciamos, nos últimos anos, jogos e brincadeiras de comunidades quilombolas, danças africanas, lutas brasileiras e esportes muito disseminados em países europeus, sempre com uma oficina de um praticante dessas práticas corporais.

Tematizar as manifestações da cultura corporal é outro princípio de extrema importância para a efetivação de uma prática político-pedagógica que busca fazer resistência aos ditames da política educativa neoliberal. Dessa forma, diversificadas atividades de ensino são pensadas para que os estudantes possam compreender os aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais, biológicos e fisiológicos das danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Esses conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade são problematizados, em uma relação dialógica, onde os jovens realizam pesquisas, produzem documentários, elaboram charges, escrevem crônicas e apresentam projetos sobre esses temas.

Problematizar os marcadores sociais da diferença (etnia, gênero, classe social e geração) que atravessam as práticas corporais também é muito importante nas aulas de Educação Física com essas características. Pensar com os jovens sobre a luta das mulheres para efetivar o futebol feminino no Brasil; o discurso biológico que padroniza, por questões étnicas, quem terá sucesso na realização de determinadas manifestações da cultura corporal; a desqualificação das pessoas mais velhas na sociedade mercadológica, enfatizando que a saúde está relacionada com o padrão de beleza; e a impossibilidade de vivenciar certos esportes, danças, lutas, ginásticas, jogos e brincadeiras por conta do padrão econômico das pessoas; são temas que precisam ser debatidos constantemente.

Participar da elaboração do projeto político-pedagógico da escola e relacionar os seus princípios com as ações didático-pedagógicas da Educação Física, buscar o trabalho coletivo contra a retirada dos direitos conquistados e acreditar que os docentes da educação básica são intelectuais que produzem conhecimentos na sua realidade profissional são outros princípios ético-crítico-

políticos dos educadores de Educação Física progressistas, que lutam contra o processo de mercadorização da prática educativa.

Defendo que ser intelectual em tempos de barbárie significa reconhecer que a educação é ideológica e, portanto, se torna necessário resistir aos ditames das políticas públicas educativas de caráter neoliberal para a organização da prática político-pedagógica da Educação Física no ensino médio. Dialogar com os jovens, expondo a realidade da conjuntura e, ao mesmo tempo, deixar claro que esse encontro pode produzir uma experiência transformadora para estudantes e professor, é o primeiro passo para pensar em uma pedagogia crítica que estimula a intelectualidade de todos os atores do processo educativo.

Dessa forma, o ano de 2020 tem sido de muita incerteza e instabilidade, principalmente pela ruptura institucional da democracia cada vez mais presente no discurso do grupo de extrema direita que se encontra no poder, a desvalorização do sistema público de ensino, que se intensifica cada vez mais, principalmente no ensino médio e a chegada do coronavírus no Brasil, que interrompeu as aulas presenciais em todo o território nacional, escancarou as desigualdades sociais, deixou claro que a educação brasileira precisa construir um projeto mais inclusivo e tirou muitas vidas ao redor do mundo, mas matou pessoas negras e pobres majoritariamente, que não conseguem ficar em casa fazendo quarentena.

Esse novo normal produziu um enorme debate no IFSP, pois a cada dia que passa, aumenta a pressão pela liberação das atividades remotas para os estudantes do ensino médio. Por incrível que pareça, um grupo considerável de docentes defende as aulas na modalidade de ensino a distância, mesmo sabendo que uma grande quantidade dos alunos não consegue realizar essas atividades por conta da sua realidade econômica e social. Além disso, uma parcela considerável dos docentes nunca atuou nesse formato.

Em meio a esse debate, o campus São Paulo decidiu organizar atividades optativas aos jovens, para manter o contato deles com os conhecimentos dos diferentes componentes curriculares, além de possibilitar que professores e alunos conversassem nesse momento de pandemia, em que todos estão assustados e com medo de perder familiares ou ficar doentes.

Dessa forma, descrevo aqui um relato sobre a experiência educativa com uma turma do curso de técnico em Eletrônica integrado ao Ensino Médio no IFSP. São aproximadamente 40 alunos que estão cursando o 1º ano desse ciclo de escolarização, possuem aproximadamente 15 anos e são de classes sociais diversificadas, características que perpassam a maioria dos jovens do campus que atuo.

Iniciei o ano letivo dialogando com os estudantes para saber sobre as experiências anteriores que tiveram nas aulas de Educação Física. Após esse encontro inicial, conversei com a turma e apresentei o planejamento. Em conjunto, ficou decidido que iríamos iniciar o semestre letivo discutindo os aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais, biológicos e fisiológicos das práticas corporais. Assim, após duas aulas em sala, onde dialogamos sobre esse assunto, os jovens pesquisaram reportagens e fizemos um debate sobre esses temas.

Os estudantes trouxeram para a aula reportagens que versavam sobre o machismo no esporte, a participação de atletas transexuais em modalidades esportivas, a homofobia na dança, a violência no futebol, o preconceito racial que técnicos negros sofrem quando comandam times de diversificadas práticas corporais, a diferença de premiação em competições esportivas masculinas e femininas, casos de abuso sexual com atletas de ginástica, a imigração e os seus efeitos no rendimento esportivo, a posição política dos praticantes de diversificadas manifestações da cultura corporal e os benefícios da atividade física para pessoas que estão com depressão.

Após a análise dessas reportagens em rodas de conversa, chegamos à conclusão que as aulas de Educação Física no ensino médio precisavam ampliar a leitura de mundo dos jovens sobre os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade que se relacionam com as práticas corporais. Nesse diálogo, decidimos que vivenciaríamos os gestos de esportes coletivos, individuais, radicais e para pessoas com deficiência, com a intencionalidade de analisar a cultura dessas práticas corporais e, dessa forma, ampliar o nosso pensamento crítico sobre essas temáticas.

Antes da paralisação das aulas por conta do coronavírus, vivenciamos os gestos do goalball e do tchoukball. Na própria quadra da instituição, após as aulas, debatemos sobre a cultura dessas práticas corporais, enfatizando os seus aspectos históricos e sociais. Nas rodas de conversa, a intelectualidade de estudantes e professor foram estimuladas, pois os debates que realizamos na sala de aula são lembrados e novos conhecimentos passam a circular nessas análises, mas agora ressignificados pela experiência vivida de forma prática.

O próximo passo seria assistir e analisar o documentário "A corrida do doping", mas o calendário foi cancelado naquela semana.

Após o susto inicial do início da pandemia, comecei a conversar com os alunos pelo *whatsapp* e passei a fazer parte no grupo da turma. Dessa forma, todas as semanas, eu enviava alguns filmes, textos ou *podcasts* disponíveis na internet para que os jovens apreciassem essas produções literárias e cinematográficas. Todos esses materiais se relacionavam com os aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais, biológicos e fisiológicos das práticas corporais, como pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1 – Materiais utilizados nas aulas de Educação Física

FILMES	TEXTOS	PODCASTS
Criança: a alma do negócio	Teste obrigava atletas a comprovar que eram mulheres nos Jogos Olímpicos	A ciência da dor no esporte
Tarja Branca	Preconceito é a maior barreira que mulheres ainda enfrentam no futebol	A ciência da mulher atleta
Vida sobre rodas	As mulheres que desafiaram a lógica e mudaram a história do esporte	Doping genético
Minas do Futebol	Elas driblaram o preconceito e criaram iniciativas por amor ao futebol	O esportístico e a ciência estatística no esporte
Boleiros: era uma vez o futebol	A sociologia do vazio esportivo em tempos de corona vírus	O impacto da pandemia do coronavírus no esporte
Super Size Me A Dieta do Palhaço	O futebol entra na luta contra o coronavírus	Transgêneros x DSDs - o caso de Caster Semenya
Menina de Ouro	O salto do feminismo sobre a trincheira da bola	Morte súbita no esporte
Raça (a luta pela igualdade)	Conivência com o racismo, uma regra não escrita do futebol	A depressão no esporte
Ela dança eu danço 4	Cotas raciais, um caminho para melhorar o futebol	O futebol feminino
Duelo de Titãs	A grande rebelião anticapitalista do futebol alemão	
Eu, jogadora	A luta pela inclusão de todas as mulheres no esporte	
Ginga	Respeitem Serena Willians	
A corrida do doping	No Dia da Consciência Negra, Daiane dos Santos relembra: "Não lavavam as mãos no mesmo banheiro"	
A caminho da Copa	O perigo do cabeceio e das cabeçadas no esporte	
O ano em que meus pais saíram de férias	Exceção, time de futebol tenta superar barreiras impostas aos transexuais no esporte	

Encontrar esses materiais não foi tarefa fácil, pois precisei ir em sites que faziam uma discussão mais crítica sobre esses assuntos e sugerir filmes que pudessem ampliar a leitura de mundo dos jovens sobre os conhecimentos das manifestações da cultura corporal. Ser um intelectual que resiste ao sistema neoliberal e colonial se relaciona com a possibilidade de pesquisar produções literárias, científicas e jornalísticas que desconstruem uma realidade ingênua tão divulgada pela mídia tradicional sobre esses temas.

Esses materiais analisavam a relação entre a copa do mundo e a ditadura militar, a participação das mulheres em diversificadas práticas corporais, o preconceito racial contra atletas negros ao longo da história, a participação de

transexuais no esporte, o doping, a relação entre o sistema capitalista e o ambiente esportivo, a relação entre a saúde mental e a realização de danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras, dentre outros temas.

Após um mês, conversei com os jovens e eles toparam produzir uma crônica abordando um desses temas. Nas aulas presenciais, em conjunto com um estudante da Licenciatura em Letras do IFSP, já tinha informado aos estudantes que a nossa avaliação desse semestre seria a produção de uma crônica.

Toda a turma topou fazer o material, mas estavam com dificuldades de compreender como que essa crônica deveria ser realizada. Então, enviei para os discentes algumas crônicas escritas por Mariana Lajolo, na Folha de São Paulo, com o intuito de inspirar os jovens para pensar nas suas produções. A seguir, mostro quais textos da autora foram enviados para todos e todas.

E então, para finalizar esse processo, os estudantes construíram as suas próprias crônicas e me enviaram o material por e-mail. A produção dos jovens foi extremamente interessante e autoral, sendo que diversificados materiais disponibilizados foram utilizados para que eles pudessem se inspirar e ampliar a sua leitura do mundo sobre os marcadores sociais que atravessam as práticas corporais.

Para finalizar o semestre letivo, fizemos mais uma proposta de roteiro de estudo optativo e tivemos novamente resposta positiva dos alunos. Ainda no começo do ano, eu e uma estudante da Licenciatura em Matemática do IFSP, que participa de um projeto da instituição que coordeno, mapeamos as práticas corporais oferecidas no bairro da escola. Nossa ideia, naquele momento, era tematizar essas manifestações da cultura corporal com os jovens, possibilitando que eles visitassem esses espaços.

Após mapearmos o território onde fica localizado o campus São Paulo do IFSP (bairro do Bom Retiro), encontramos espaços esportivos e de lazer que oferecem aulas e treinos para a prática de esportes radicais (skate e parkour), beisebol, futebol e sumô. Nesse cenário, fizemos a seguinte proposta para os jovens da turma. Eles deveriam escolher uma dessas manifestações da cultura corporal, estudar um material didático que formulamos com conhecimentos relacionados com a cultura dessas modalidades esportivas e, ao final dessa análise, produzir uma charge, tirinha ou história em quadrinhos com a temática escolhida.

Após o prazo estabelecido, mais uma vez, os trabalhos foram enviados por e-mail e a qualidade do material mostrou que esses estudantes conseguiram refletir sobre a cultura das práticas corporais que são oferecidas no entorno da escola.

Nosso planejamento, quando as aulas presenciais retornarem, está sendo organizado para que possamos visitar esses espaços, entrevistar técnicos e praticantes dessas manifestações da cultura corporal, ampliar o nosso entendimento sobre os marcadores sociais da diferença que atravessam esses esportes e vivenciar os seus gestos.

PROFESSORES COMO INTELLECTUAIS TRANSFORMADORES

Durante a escrita desse texto, os autores realizaram diversos diálogos sobre a relação entre a experiência vivida nas aulas de Educação Física na rede municipal de Porto Alegre e no Instituto Federal de São Paulo e a atuação docente como intelectual transformador. Passamos, em um primeiro momento, a debater a ideia de intelectual comprometido (FISCHIMAN; SALES, 2010) e chegamos na conclusão que nenhum educador crítico consegue resistir ao processo de desmonte educativo produzido pela educação de mercado, intensificada nesse momento histórico, de forma redentora e individualizada. Todavia, entendemos que um professor apenas comprometido pode cair na armadilha de reproduzir as desigualdades sociais com as suas ações educativas, se não conseguir analisar criticamente a conjuntura em que organiza a sua prática político-pedagógica.

Para além de comprometimento, como nos alerta Giroux (1997), o professor intelectual transformador resiste contra a ideia de que a sua atividade docente se restringe a uma ação pedagógica instrumental e técnica, analisando constantemente as condições ideológicas presentes nas políticas educativas que são criadas para controlar as suas ações didáticas no cotidiano escolar. Portanto, esse educador pensa no currículo, nas atividades de ensino, na sua relação com os educandos e no processo avaliativo se contrapondo aos interesses políticos, econômicos e sociais da educação gerencialista, meritocrática, excludente e de mercado que avança nesse período da humanidade. Por conta disso, compreendemos que não basta o comprometimento pedagógico dos educadores críticos, mas é necessário salientar que toda a atividade humana estimula a intelectualidade.

Os professores que escreveram as experiências nesse texto compreendem que são seres humanos livres e inacabados, que se encontram em um processo contínuo de desenvolvimento intelectual (FREIRE, 2014), se comprometendo em exercer a sua intelectualidade para organizar a sua prática político-pedagógica com a intencionalidade de fomentar a capacidade crítica das crianças e jovens ampliarem a sua leitura de mundo sobre os temas que envolvem as práticas corporais.

Ser um professor intelectual transformador em tempos de barbárie, educação gerencialista, descrédito ao professorado, censura, desigualdades sociais e econômicas alarmantes, encontros presenciais limitados e proibidos.

Embora pareça ser impossível fazer essa relação, a nossa defesa é que um professor intelectual busca a transformação social, pensa em todas as suas ações educativas para fazer resistência ao sistema econômico imposto no seu cotidiano, compreende que é apenas o trabalho coletivo que pode modificar a realidade injusta instalada na sociedade contemporânea e assume a responsabilidade em organizar projetos educativos que dialogam com uma escola pública democrática, onde circulam conhecimentos que possuem sentido e significado para os filhos da classe trabalhadora.

Cada vez mais, nesses tempos de educação padronizada e gerencialista, a luta por um mundo mais justo e solidário será feita nas escolas por intelectuais anônimos, que fazem da sua prática político-pedagógica um movimento de resistência.

Em diálogo com Bossle (2018), finalizamos esse ensaio enfatizando que o professor intelectual transformador legitima a sua prática político-pedagógica a partir da identificação dos problemas reais diários que são escancarados no processo de ensino e aprendizagem das aulas de Educação Física, principalmente em tempos que a cultura hegemônica privilegia marcadores sociais elitistas, brancos, eurocêntricos, norte-americanos, masculinos, heterossexuais, moralistas, conservadores, meritocráticos, colonizados e produtivistas.

Ao realizar a leitura de mundo dessa realidade, nos relatos de prática aqui descritos, de acordo com o inédito-viável, os professores de Educação Física em seus respectivos contextos resistiram contra a cultura dominante, lutando para construir uma práxis libertadora, colocando em evidência o esforço intelectual dos educadores críticos que não aceitam o cinismo da ideologia fatalista posta pelo regime econômico neoliberal, os movimentos neoconservadores e pelos grupos que se encontram no poder nesse momento histórico. Dessa forma, eles possuem a consciência, que nos alerta Freire (2014), que ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica, mas a mudança é possível, desde que as intervenções pedagógicas realizadas na escola sejam consideradas uma forma de intervir no mundo para construir uma realidade mais humana, justa e diversa.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto. Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Márcio Cardoso Coelho – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

Daniel Teixeira Maldonado - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

Fabiano Bossle - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

A CORRIDA do doping. Direção de Paulo Markun. Globo Filmes, 2016.

ADAMS, Telmo. Sular. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 385-387.

AGUIAR, Filipe Ribas de; SANTOS, Graziella Souza dos. Reorientações gerencialistas das políticas educacionais: impactos na rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Políticas educativas*, Santa Maria, v. 12, n. 1, p.73-92, 2018.

ALVES, Camila; CASTRO, Elton. Exceção, time de futebol tenta superar barreiras impostas aos transexuais no esporte.. *Globoesporte.com*, 2 nov. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pe/noticia/excecao-time-de-futebol-tenta-superar-barreiras-impostas-aos-transexuais-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

APPLE, Michael Witman; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. O mapeamento da educação crítica. *In: APPLE, Michael Witman; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. Educação crítica: análise internacional*, Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 14-32.

BAPTISTA, Juliana. O perigo do cabeceio e das cabeçadas no esporte.. *Globoesporte.com*, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/eu-atleta/noticia/o-perigo-do-cabeceio-e-das-cabecadas-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BELAS, Júlia. Preconceito é a maior barreira que mulheres ainda enfrentam no futebol.. *Dibradoras*, 9 mar. 2020. 1 blog. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/09/preconceito-e-a-maior-barreira-que-mulheres-ainda-enfrentam-no-futebol/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BOLEIROS: era uma vez o futebol. Direção de Ugo Giorgetti. Paris Filmes, 1998.

BOSSLE, Fabiano. Nosso "inédito viável": professor de Educação Física intelectual transformador. *In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira. Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física escolar brasileira*. Curitiba: CRV, 2018. p. 19-34.

BOSSLE, Fabiano. Atualidade e relevância da Educação Libertadora de Paulo Freire na Educação Física Escolar em tempos de "Educação S/A". *In: SOUSA, Cláudio Aparecido de; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (Org). Educação Física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo*. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 17-31.

CÁSSIO, Fernando. *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019.

COELHO, Márcio Cardoso. O círculo de Cultura na Educação Física escolar: uma prática educativa libertadora no contexto da rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS. *In: SOUSA, Cláudio Aparecido de; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (Org). Educação Física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo*. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 181-192.

CRIANÇA: a alma do negócio. Direção de Estela Renner. Maria Farinha Produções, 2008.

CUNHA, Ary; OLIVEIRA, Carol; DILLON, Lorena. No Dia da Consciência Negra, Daiane dos Santos relembra: "Não lavavam as mãos no mesmo banheiro". *Globoesporte.com*, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/no-dia-da-consciencia-negra-daiane-dos-santos-relembra-nao-lavavam-as-maos-no-mesmo-banheiro.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

DUELO de titãs. Direção de Boaz Yakin. Disney Pictures, 2000.

ELA dança, eu danço 4. Direção de Scoot Speer. Universal Pictures, 2012.

EU, jogadora. Direção de Cristiano Fukuyama. Acervo da Bola, 2017.

FERNANDES, Florestan. *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus/USP, 1966.

- FISCHMAN, Gustavo Enrique; SALES, Sandra Regina. Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras? *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 7-20, jan./abr. 2010.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A gênese do decreto N. 5.154/2004 um debate no contexto controverso da democracia restrita. *Revista Trabalho Necessário*, v. 3, n. 3, p. 1-26, 2005.
- GANDIN, Luís Armando. A escola cidadã: implementação e a recriação da educação crítica em Porto Alegre. In: APPLE, Michael Witman; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. *Educação crítica: análise internacional*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 380-393.
- GINGA: *a alma do futebol brasileiro*. Direção de Hank Levine, Marcelo Machado e Tocha Alves. O2 Filmes, 2005.
- GIROUX, Henry. *Los profesores como intelectuales*. Hacia una pedagogia crítica del aprendizaje. Barcelona: Paidós, 1997.
- JOGO cego. Direção de Erick Monstavicius e Cleber Zerbielli. Cinemátika Filmes, 2020.
- MAEDA, Patrícia. A luta pela inclusão de todas as mulheres no esporte. *Carta Capital*, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/a-luta-pela-inclusao-de-todas-as-mulheres-nos-esportes/>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- MAGRI, Diogo. O futebol entra na luta contra o corona vírus. *El País*, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-03-21/o-futebol-entra-na-luta-contra-o-coronavirus.html>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Educação Física no Ensino Médio: experiências educativas inspiradas pelos ensinamentos freireanos. *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 18, n. 1, p. 1-6, 2020.
- MENDONÇA, Renata. As mulheres que desafiaram a lógica e mudaram a história do esporte.. *Dibradoras*, 8 mar. 2020. 1 blog. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/08/as-mulheres-que-desafiaram-a-logica-e-mudaram-a-historia-do-esporte/>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- MENDONÇA, Renata. Teste obrigava atletas a comprovar que eram mulheres nos Jogos Olímpicos.. *Dibradoras*, 23 mar. 2020. 1 blog. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/24/teste-obrigava-atletas-a-comprovar-que-eram-mulheres-nos-jogos-olimpicos/>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- MENINA de ouro. Direção de Clint Eastwood. Europa Filmes, 2004.

MINAS no futebol. Direção de Yugo Hattori. Downtown Filmes, 2017.

NINA, Roberta. Elas driblaram o preconceito e criaram iniciativas por amor ao futebol.. *Dibradoras*, 23 mar. 2020. 1 blog. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/23/elas-driblaram-o-preconceito-e-criaram-alternativas-viver-amor-pelo-futebol/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

O ANO em que meus pais saíram de férias. Direção de Cao Hamburger. Gullane Filmes, 2006.

PIRES, BREILLER. Convivência com o racismo, uma regra não escrita do futebol. *El País*, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-02-17/convivencia-com-o-racismo-uma-regra-nao-escrita-do-futebol.html>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PIRES, BREILLER. Cotas raciais, um caminho para melhorar o futebol. *El País*, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-02-17/cotas-raciais-um-caminho-para-melhorar-o-futebol.html>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PIRES, BREILLER. O salto do feminismo sobre a trincheira da bola. *El País*, 8 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-03-08/o-salto-do-feminismo-sobre-a-trincheira-da-bola.html>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. *Fundamentos da escola do trabalho*. 3. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

PROTA, Luiz Felipe. Morte Súbita no Esporte. *Globoesporte.com*, 9 abr. 2019. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2019/04/09/podcast-o-cientista-do-esporte-2-morte-subita-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. Transgêneros x DSDs - O caso de Caster Semenya. *Globoesporte.com*, 04 mai. 2019. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2019/05/04/podcast-3-transgeneros-x-dsds-o-caso-de-caster-semenya.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. O Esportístico e a Ciência Estatística no Esporte. *Globoesporte.com*, 11 jun. 2019. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2019/06/11/podcast-4-o-esportistico-e-a-ciencia-estatistica-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. Doping Genético. *Globoesporte.com*, 25 jun. 2019.. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2019/06/25/podcast-5-doping-genetico-professora-luciana-pizzati.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. A Ciência da Dor no Esporte. *Globoesporte.com*, 9 jul. 2019. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2019/07/09/podcast-6-a-ciencia-da-dor-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. A Depressão no Esporte. *Globoesporte.com*, 30 set. 2019. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2019/09/30/o-cientista-do-esporte-11-a-depressao-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. O Futebol Feminino. *Globoesporte.com*, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2019/11/12/o-cientista-do-esporte-13-o-futebol-feminino.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. A Ciência da Mulher Atleta. *Globoesporte.com*, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2020/03/10/o-cientista-do-esporte-20-a-ciencia-da-mulher-atleta.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PROTA, Luiz Felipe. O Impacto da Pandemia do Coronavirus no Esporte. *Globoesporte.com*, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/o-cientista-do-esporte/post/2020/03/18/o-cientista-do-esporte-21-o-impacto-da-pandemia-do-coronavirus-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

RAÇA. Direção de Stephen Hopkins. Diamond Filmes, 2016.

REDAÇÃO. Respeitem Serena Willians. *Carta Capital*, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comentaristas-esportivos-respeitem-serena-willians-7812/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SUPER size me: a dieta do palhaço. Direção de Morgan Spurlock. Imagem Filmes, 2004.

TARJA branca. Direção de Cacau Rhoden. Maria Farinha Produções, 2014.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação é um Direito*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

TORRES, Diego. A grande rebelião anticapitalista do futebol alemão. *El País*, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-03-10/a-grande-rebeliao-anticapitalista-do-futebol-alemao.html>. Acesso em: 31 mar. 2020.

TORRES, Diego. A sociologia do vazio esportivo em tempos de corona vírus. *El País*, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-03-22/a-sociologia-do-vazio-esportivo-em-tempos-de-coronavirus.html>. Acesso em: 31 mar. 2020.

VIDA sobre rodas. Direção de Daniel Baccaro. Goma Filmes, 2010.

Recebido em: 07 jul. 2020
Aprovado em: 05 abr. 2021

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

